

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

ANTROPOLOGIA DE SÍNTESE

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



Nova aliança co-evolutiva

Apesar das profecias de destruição que ameaçam o futuro da humanidade, percebem-se, no horizonte do porvir, sinais suficientemente significativos de um novo despertar da vida: são as cintilações luminosas dos homens e das mulheres que vêm.

As grandes comoções que hoje padecemos em escala planetária não são somente de ordem sociopolítica, econômica ou tecnológica, mas de ordem **evolutiva**. Ou melhor, co-evolutiva, porque entramos em uma nova fase de intercâmbio entre a matéria terrestre e a consciência cósmica. Nossa própria fisiologia “vibra” em um ritmo diferente. O “cânon” antropológico variou. A relação do homem com o cosmos não é a mesma.

A nova antropologia não nasce de uma nova teoria do homem e sim, de um “acontecimento” no homem. Seu fundamento não é metafísico, mas gen-ético, uma “nova aliança” entre os valores do espírito e a química da vida. É desde esta dupla dimensão genético/espiritual do fenômeno humano que podemos falar de uma “Antropologia de Síntese”.

Epistemologia de Síntese

Com a palavra “síntese” se apresenta uma primeira dificuldade de ordem semântico/epistemológica. Utilizo a palavra síntese não como conceito, mas como **símbolo**, símbolo de uma nova função que abarca em uma mesma unidade significativa, aspectos complementares e contraditórios por momentos, de uma fisiologia humana em processo de evolução transcendente.

Da antropologia filosófica do passado, passamos à antropologia “fisiológica” do futuro. Aqui, já não se trata de descrever funções já constituídas, tampouco de

“restos embrionários” ou “pegadas fósseis”, mas de perceber “in-pressões” primordiais, “con-figurações de ressonância” em nosso meio interno, sinais muito sutis de uma embriogênese prefigurativa.

Não podemos mostrar a operatória destas novas funções orgânicas, com o rigorismo a que nos acostumou a ciência positiva. Só podemos dar testemunho do que vemos e vivemos por dentro. Neste, como em outros campos de vanguarda, a palavra-testemunho se antecipa ao método experimental. Já não é a ciência explicando o homem, mas o homem explicando-se a si mesmo, através da ciência.

Jacques Monod, destacado biólogo, anuncia solenemente que “foi rompido o antigo pacto com a natureza”. E propõe possibilidades de uma “nova aliança”. Ilya Prigogine, Nobel de Química, mostrou que, em processos dinâmicos “afastados do equilíbrio”, longe da morte térmica, determinada pela segunda lei da termodinâmica, produzem-se “flutuações” de suficiente amplitude, de forma a “romper” a estrutura do antigo sistema (“*symmetry break*”) e lançá-lo em outro ciclo qualitativamente diferente. E Fritjof Capra, por sua vez, nos fala do “Tao da Física” e do paralelismo que observa entre a mecânica quântica e a sabedoria oriental. Todos estes, sinais de convergência entre domínios do conhecimento até agora separados.

Porém, desde o ponto de vista da Epistemologia de Síntese é preciso colocar alguns reparos em interpretações arbitrárias, derivadas do chamado “paradigma holográfico”, já seja o reducionismo cosmológico (reduzir as leis do homem a leis do cosmos) ou o chamado reducionismo tecnológico (reduzir a transcendência espiritual a uma suposta transcendência tecnológica).

Genética terrestre e herança cósmica

Fala-se muito hoje de desenvolvimento humano, de expansão de consciência, de saltos evolutivos, sem saber ao certo de que se trata. É mais fácil gritar “para frente!” que “para onde!”, diz Mattchet.

As teorias da evolução desvelaram alguns aspectos da herança biológica, mas são insuficientes para explicar o desenvolvimento co-evolutivo da consciência.

Encontramo-nos atualmente em um ponto crítico de nossa peregrinação terrestre, no qual a evolução humana pareceria deter-se. Ainda mais, alguns investigadores modernos nos falam de perigosos “refluxos” da energia criadora, que em lugar de ativar funções mais elevadas do “*antropos*” (o “ultra humano” de Teilhard de Chardin) revertem seu movimento e nos precipitam nas formas regressivas e abismais do “cibernântropo” (Lefèbvre).

A biologia moderna e a fisicoquímica nos dizem que “sem ruptura de simetria não há evolução”. Porém, a ruptura de simetria que hoje experimentamos a nível individual (crise existencial do homem contemporâneo) e também a nível coletivo (o sacrifício cotidiano dos inocentes) não basta para iniciar o **‘incêndio’** da matéria. Para muitos a casa desmorona, mas muito poucos saem transformados.

Ruptura de simetria implica “abertura” do sistema, uma porta que se abre, uma fissura no muro da caverna por onde a luz pode entrar. Porém, uma coisa é “abertura do sistema e ingresso da luz” e outra coisa é “aliança com a luz”.

Ilya Prigogine e sua escola valorizaram, através da investigação em biologia molecular, estas três fases do processo evolutivo da matéria viva: “ruptura de simetria”, “abertura” e “nova aliança”. Mas, a extrapolação arbitrária - dos dados do laboratório até a experiência humana - conduz a um reducionismo cosmológico (teorias co-evolutivas de auto-organização: “*self-organizing process*”). Isto é, ao identificar diretamente as leis do homem com as leis do cosmos, amplifica-se o

marco em que se desenvolve o processo evolutivo, mas continua havendo um marco. Confunde-se abertura psicobiológica com transcendência espiritual.

Nova aliança, a nível humano, é algo mais que um intercâmbio com a energia cósmica. É uma nova palavra do homem frente ao mistério divino, uma palavra que perdemos em nossa longa caminhada por conquistar a Terra.

Da metafísica do conhecimento à geometria da vida

Se colocarmos a “palavra” do homem no ‘centro’ de uma criatividade que o transcende, a própria Antropologia rompe as barreiras reducionistas que lhe foram impostas pelas ciências particulares e recupera sua originária dimensão como ciência do homem total. Isto é, como “ponte” entre o mistério do Céu e a sabedoria da terra.



A função primordial desta Antropologia de Síntese é “unir” o caminho do conhecimento com o caminho da vida. Porém, esta “união”, este “enlace” já não se realiza através de uma metafísica ou de uma teologia, mas através da “palavra viva” do próprio homem. E esta palavra, “unida” à vida do ser total (“egoência do Ser”), é “pulso”, ritmo a partir do centro, movimento alternante que traça uma nova

geometria da ciência. A Antropologia que surge deste movimento reversível - Antropologia de Síntese - se configura como antropologia social, ecológica e cosmológica em sua face expansiva. E, como antropologia espiritual, transcendente e mística, em seu movimento de desdobramento em direção à interioridade do Ser.

Antropologia fisiológica

Teoria geral das funções humanas

A antropologia não pode ser reduzida a uma ciência de museu, senão que é uma ciência do ser humano vivo. Não pode limitar-se a estudar os crânios fósseis, as formas sociais dos povos primitivos ou a estrutura metafísica do ser no mundo, senão que tem que descobrir as **funções humanas**, isto é, aquelas funções que são **específicas** do ser humano e que fazem possível que o homem funcione como esse ser humano que é - e não como animal ou como máquina. E, ainda mais, a antropologia deve ensinar a ver não só as funções estabelecidas através de milênios de evolução biológica, social e tecnológica, mas também aquelas outras funções incipientes que surgem como degraus ainda invisíveis de uma escala “fisiológica” que estende a ponte entre o homem terrestre e o homem cósmico.

Não gostaria de deter-me na embriologia destas protofunções, nem nas leis de integração, reversibilidade e analogia das novas configurações orgânicas - temas que desenvolvi em meu livro “Antropologia de Síntese” - senão que preferiria ocupar-me aqui da antropologia de síntese como “ferramenta logotécnica”, para um manejo inteligente do processo co-evolutivo da vida humana.

A geometria integral do espaço humano - geometria de dinâmica reversível - se revela a nós como ritmo alternante de quatro funções primordiais ou protofunções: a **união**, a **lei**, a **força**, a **forma**.

A primeira função, o protomodelo de **UNIÃO**, se faz acessível à consciência como um novo **sentir**: um claro/sentir (consciência de si, “egoência do ser”).

Este sentir/unitivo se revela como “energia criadora”. Já não se trata de uma metafísica do intelecto, mas de uma **mística do coração**.

Não falo de uma mística como doutrina, mas de uma mística como “função orgânica”. Isto é, já não como manifestação extraordinária nos altos cumes do espírito, mas como função que é intrínseca ao ser humano - a todo ser humano - e que, como tal, é **universal**.

É preciso resgatar esta função antropológica e cósmica das ideologias filosóficas e religiosas que a encobrem. Não se deve confundir a mística, enquanto função - com as crenças, enquanto ideologias.

Habitualmente se tem identificado a mística - que é uma função intrínseca à vida - com as interpretações dadas pelas religiões acerca da vida. Tornaram-se sinônimos, ‘vida mística’ e ‘vida religiosa’. Mas a mística é própria da vida e não das religiões. O mundo moderno está dando testemunho de uma mística não necessariamente ligada à vida religiosa. Há uma mística nos sábios, nos cientistas e nos grandes condutores dos povos. E há também uma mística nas almas humildes e simples, as quais, ainda que sem preocupações religiosas em termos tradicionais, fazem da renúncia, do trabalho e do sacrifício um modo espontâneo de participação na grande corrente criadora da vida, um sentir/unitivo que revela o sentido transcendente da obra.

A segunda função de síntese é a **LEI**. Conhecemos as leis físicas, biológicas e sociais que regulam o funcionamento do homem no mundo, mas falta-nos descobrir a lei que é intrínseca ao próprio homem.

As grandes religiões revelaram a lei Divina que orienta o destino de “todos” os homens. E a ciência descobre as leis mais gerais do universo. Mas, para além destes marcos gerais, cada um de nós necessita descobrir a lei que indica nosso próprio lugar na ordem cósmica e o sentido de nossa própria existência na ordem humana.

O fundamento desta nova lei não é metafísico, é vocacional. Vocação é a nota-chave do ser, o nome próprio que é ‘entoado’ desde dentro. É o fundamento vibratório, fonético, da ética especificamente humana (fon-ética).

A nova ética não é só formal, mas **substancial**; não só está escrita nos códigos, mas **in-scrita** na vida (é a “*signatura*” da mensagem). Essa lei intrínseca está inscrita como con-figuração arquetípica no corpo social da humanidade, antes de ser formulada pelo legislador. É vivida pela comunidade espiritual, antes de se traduzir em códigos da sociedade civil. Ao dizer que a mensagem do futuro se inscreve como código vibratório no **corpo** da humanidade, queremos destacar que se trata de uma lei substancial, de uma lei orgânica (o organismo se enriquece com uma contribuição ‘gen-ética’ que lhe permite construir novas funções, novos órgãos, novas instituições. Esta “*signatura*” sutil, invisível, mas poderosa, é a que muda a trajetória dos movimentos habituais da conduta humana (não só da conduta social, mas também da conduta molecular e atômica do organismo físico). Esta mudança de sentido nos movimentos da vida arrasta a matéria orgânica para um nível mais elevado de consciência, e a fisiologia da natureza elementar (a do homem animal) adquire a hierarquia de uma fisiologia ética (a fisiologia do homem espiritual).

Se a primeira função de síntese (a **união**) conduz a uma **mística**, e a segunda (a **lei**) funda uma **moral**, a terceira função antropológica (a **FORÇA**), é o princípio energético da **economia humana**. O que é economia humana? Antes que uma ciência do homem, é uma função da vida que tem como suporte concreto para seu desenvolvimento, o **trabalho humano**.

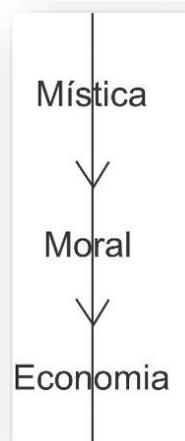
Os sistemas econômicos atuais estão em crise porque se fundam em teorias que não respondem às necessidades de desenvolvimento humano. A sociedade materialista de nosso tempo reduziu o trabalho a uma variável econométrica, despojando essa função de seu sentido como “obra”. Hoje, luta-se pelo salário, não pela obra.

O trabalho é uma função intrínseca ao ser humano (não pode ser suplantado por um seguro de desemprego). E a lei que governa esta função deve poder ser manejada desde dentro, desde o ser. Dirigir a economia humana desde fora - a partir dos centros do poder político e econômico - seria o mesmo que pretender controlar o metabolismo orgânico com planos de regulação do meio ambiente.

Dentro da perspectiva de uma economia humana do futuro, a função trabalho é uma ferramenta que permite o acesso aos bens da vida. E esses bens são tanto materiais quanto espirituais. Na economia do homem total, não só importa o crescimento do PBI, mas o desenvolvimento da consciência.

A energética do trabalho é tema fundamental para uma economia humana do futuro. Até agora, manipulamos a força do trabalho para transformar o mundo, mas a ciência econômica do amanhã terá que ensinar-nos a utilizar a energia do trabalho como combustível adequado para a expansão de consciência.

A esta altura da descrição de funções de síntese, podemos perguntar-nos se a ordem em que as apresentamos: **primeira, segunda e terceira**, é arbitrária ou se responde à própria geometria antropológica. Eu diria que se trata de uma hierarquia de funções humanas que se ordenam de cima para baixo sobre um eixo vertical de significantes.



Em outras palavras, para uma visão de síntese, sem **mística** não há **moral**, e sem moral não há **economia**. São três funções primordiais. Mas, para alcançar o enraizamento destes princípios na vida humana concreta temos que perguntar-nos, como Platão, no Timeu: “e o quarto?”

O quarto, a quarta função, é a **FORMA**.

Se a primeira pergunta antropológica é: “o que é o homem?”, a última é: “o que é a humanidade?”. A primeira é uma pergunta metafísica, pergunta pelo ser. A segunda é uma pergunta sociológica, pergunta pela forma. A antropologia do futuro busca a relação entre o ser e a forma, uma relação perdida!

Ainda que alguns digam que não existe essa Humanidade, mas só um conjunto de seres humanos individuais (“A humanidade? Isso é uma abstração. Nunca houve mais que homens, nem haverá mais que homens” - Goethe a Luden, citado por Spengler) - apesar disso, a nova geração já nasce com um sentido de “solidariedade orgânica”. Começamos a sentir o pulso, os batimentos, a vida de um organismo maior, que não conhecíamos. Estamos tomando consciência de nosso “corpo total”, de nosso sentido de pertinência ao corpo total da humanidade. Este é o ponto de partida para uma sociologia do futuro. Da organização, passamos ao “organismo”.

Como se forma este novo organismo? Ele se forma por participação de consciência/energia individual em um “corpo místico”, de potencialidade morfogenética.

Por que digo “corpo místico” e não “corpo social”? Porque o corpo social (como contrato político e organização técnica) perdeu sua capacidade genesiaca e entrou em uma fase de “implosão de massa” (como bem o faz notar Jean Baudrillard).

Estamos no fim das revoluções sociopolíticas (isto já o havia percebido o grande Ortega) e no “fim do social” (em termos de Baudrillard), uma época em que os valores especificamente sociais estão sendo substituídos pela simulação e o

espetáculo). Também estamos chegando ao “fim das nações”, como diz Teilhard de Chardin: “A era das nações passou, é hora de construir a Terra”.

Por que vias está se realizando esta organogênese planetária? Através de um idealismo universalista? Através de um comunismo utópico? Através de um socialismo científico? Através de um mercado comum? Através de um circuito cibernético de comunicações? Ou acaso, através de um caminho que ainda desconhecemos?

Desencadeou-se no planeta uma estranha forma de guerra: já não combatem só os homens, mas também os deuses e os demônios! Na medida em que esta grande comoção planetária vai rompendo a estrutura das antigas instituições e des-estabiliza a própria matéria humana (chamo comoção planetária à ruptura de simetria provocada pelas guerras mundiais, pela violência organizada, pelas migrações em massa, pela revolução científico/tecnológica, pela explosão demográfica, pelas catástrofes ecológicas, a AIDS), a medida que todo isto ocorre, a **vida** do corpo da Humanidade, suas linhas de força, suas correntes de ideias, se tornam visíveis e palpáveis. Seu campo vibratório irrompe em nossa consciência e desperta em todos nós uma nova sensibilidade planetária e cósmica. Talvez sempre tenha sido assim, desde os alvares da raça, quando os grandes cataclismos que ocorreram no planeta despertaram a consciência e a sensibilidade dos primeiros homens. No momento atual, estamos aprendendo - sem perceber muito bem - a viver em um novo corpo. Alguns povos já realizaram a experiência de viver em grandes corpos sociais coletivos (a experiência da Rússia e da China, sobretudo). E, está se realizando a experiência de viver no espaço em cápsulas biocibernéticas. Mas, a conquista do homem futuro será aprender a viver no corpo total da Humanidade.

Este salto para uma dimensão planetária de consciência já está se realizando através de novas instituições sociais, à medida do homem. Aqui o grande é o pequeno (interiorização orgânica do cósmico) e o pequeno é o grande (“*small is beautiful*”).

Se ainda não conseguimos divisar estes novos organismos humanos e, pelo contrário, as velhas instituições aparecem cada vez mais fortes - é porque os novos modelos surgem como corpos invisíveis e espaços vazios que vão sendo ocupados pelos homens e as mulheres que vêm, enquanto que as gerações do passado lutam desesperadamente por conservar seus antigos refúgios.

Vivemos em uma época de **gestação** de novas formas sociais, muitas delas frágeis e de curta vida (comunidades nascentes, arquitetura orgânica, agricultura biológica, economia socioespiritual, universidades alternativas, pedagogia sistêmica), caminhos ainda pouco transitados (alguns sem saída), mas que emergem aqui e ali no planeta como torvelinhos de vida humana renovada.

A investigação destes “campos morfo-gen-éticos”, se antecipa como área fecunda para as ciências humanas e sociais do futuro. A canalização adequada destas novas formas criativas reclama hoje um novo magistério universitário. Já não é suficiente a universidade profissionalista, faz falta fundar a Universidade do Homem. Os universitários do futuro terão que ser, antes de mais nada, professores, educadores. Não basta curar os males de uma sociedade doente, nem bastam os esforços isolados. Os sociólogos, psicólogos, médicos, juristas, arquitetos, artistas, filósofos, educadores, terão que aprender a trabalhar juntos para canalizar a poderosa energia humana que se está liberando no planeta. Não me refiro tão somente a equipes multidisciplinares, mas a um novo tipo de organismo de investigação, ainda pouco conhecido, que chamo “holograma humano”. Do paradigma holográfico passamos ao holograma humano, uma nova antena no órgão do saber.

A Antropologia de Síntese não nasce de um conceito do homem, mas de um “acontecimento” no homem. Não surge da especulação filosófica nem da dogmática teológica. Tampouco nasce da integração da ciência, mas da unidade do homem. É a tradução intelectual de uma experiência viva de síntese.

Há mais de vinte anos (1966), quando escrevi “*Germes de Futuro no Homem*”¹, tive a certeza de que nas águas profundas da vida, de minha própria vida, palpitava já o “germe primordial” de um novo ser-humano. Primeiros sinais de uma “embriogênese prefigurativa” que antecipava os rostos do porvir!

Hoje, volto a repetir o que disse então: “o relógio cósmico marca uma hora diferente”, e agrego: as estrelas anunciam a “mensagem” de um novo tempo.

Uma poderosa energia significativa irrompeu no espaço interior da antiga Natureza, acontecimento paradigmático que muda a geometria da matéria do mundo e deixa sua pegada invisível na alma do homem: revelação/comoção, mensagem pós-moderna!

O “cânon” antropológico variou, nossa relação com o Universo não é a mesma, o ritmo da fisiologia humana é diferente. O homem cósmico nasceu, mas faz falta uma ciência que o explique.

Antropologia de Síntese é a tentativa de abarcar em uma unidade significativa a estrutura funcional desta “nova Aliança”, con-figuração dinâmica de signos que escapa a pronunciar-se a si mesmo com uma nova palavra. Nomeamos esta nova identidade do ser humano com uma palavra símbolo: “egoência”.

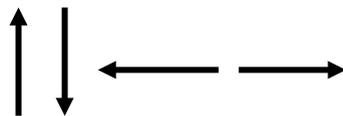
Egoência não é um conceito, é uma “vibração”, um novo “estado da matéria humana”. A partir daqui, começamos a mover-nos em um terreno completamente diferente. Já não falamos de lembranças do passado, mas de “germes de futuro”. Trata-se de um novo “código”, do ritmo energ-ético de uma nova “lei”. Da antropologia filosófica passamos a uma antropologia “fisiológica”. Já não a uma nova “ideia” do homem, mas a uma nova “molécula” da vida.

Oito anos me levou escrever “Antropologia de Síntese” (1980)². A pergunta que me assediava então era como traduzir em conceitos a experiência unitiva que vivia por dentro. Em meu mundo interno haviam caído os símbolos dos antigos deuses, mas como decifrar o código da nova lei?

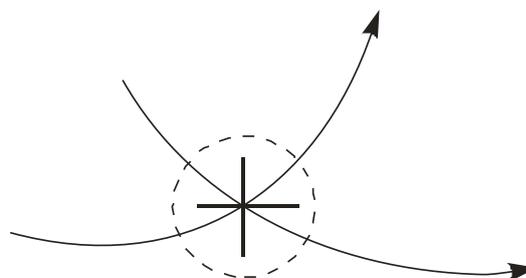
A linguagem conceitual se tornava insuficiente. Como articular a mensagem “vibratória” do novo signo do tempo com a palavra/sentimento do novo homem? Mais que uma nova semântica, era necessária uma nova “fisiologia”, uma função “humana” que fizesse de ponte entre a revolução científica e a revelação espiritual.

A mensagem pós-moderna é profético/científica e isto é o difícil de apreender para uma mente treinada durante mais de vinte séculos na prática de fragmentação do conhecimento. A epistemologia de síntese (“holoepistemología”) já não se apoia em uma lógica conceitual nem sequer no que se poderia chamar uma lógica quântica. Tampouco em uma metafísica ontológica, senão que se funda em con-figurações simbólicas da vida total, geometria integrada do conhecimento-e-da vida, uma “hologramática”.

Para exemplificar de alguma forma este giro epistemológico, podemos dizer que, olhando de fora, a mensagem pós-moderna se apresenta ou como contradição de valores (ciência por um lado, mística pelo outro)



ou então como paralelismo de doutrinas (semelhanças entre a mecânica quântica e as filosofias orientais). Porém, olhando de dentro, a mensagem se dá como “sinais de convergência”.



Como são descobertos, como são decifrados estes “sinais de convergência”?

Não são descobertos nem são decifrados: eles se revelam! E isto é o difícil de captar para uma mente que se move em uma só direção do tempo. Hoje, o “signo” do tempo mudou: nossa vida se desdobra em um tempo diferente, mas nossa consciência continua funcionando dentro dos paradigmas do antigo tempo. Por fora, vivemos no tempo luminoso da revolução técnica. Por dentro, no tempo sombrio da “alma desiludida” (Ortega). A “ponte” entre estas duas dimensões do tempo já não se pode ser realizada por uma síntese intelectual, um materialismo dialético ou um idealismo espiritual, mas por um novo instrumento “logotécnico”, emergente “fisiológico” co-evolutivo, nova função “reversível” da vida que faz possível transitar de uma dimensão a outra, de um mundo a outro, que faz possível transferir-se da determinação concreta da vontade (“partícula”) ao campo expansivo da consciência (“onda”). Esta nova função, este novo “trans-sistor” na fisiologia do homem cósmico que nasce, transcende a dinâmica de contradição da mente racional e alcança uma nova síntese por “reversibilidade de valores”.

A Antropologia de Síntese - volto a repetir - não se funda em uma nova teoria do conhecimento, mas em uma nova função da vida.

Isto não nega que dediquemos boa parte do discurso antropológico à “teoria de funções”, mas com a advertência de que é a “função” a que explica a teoria e não a teoria que explica a função.

É a partir da ativação deste “germe de futuro no homem” que irão se desdobrando as funções co-evolutivas de um novo organismo biológico/espiritual e as formas orgânicas de uma nova comunidade social. A antropologia que emerge deste salto qualitativo já não pode ser definida como uma nova ciência que explica o homem e sim, em termos de um novo homem que se explica a si mesmo através da ciência. A nova função antropológica se manifesta, desde sua origem, como “sentido de união”, como um “sentir” **unido** ao “ser”, como consciência profunda de si, como “egoência do Ser”.

A “egoência”, como primeira função de síntese, como “*signatura*” de Aliança, como princípio de individuação, emerge **antes** como mística que como ciência. Por tratar-se de um fenômeno nascente, fonte na intimidade do Ser, este “sentido de união” não pode enquadrar-se nas formas com que até agora reconhecemos a mística. Não se trata de uma mística como dogmática, mas de uma mística como função: no princípio era a União.

A mística de nosso tempo nasce como uma mística do deserto. Primeiros acordes de um novo sentir na longa caminhada pelo deserto da civilização moderna, um obscuro sentimento de pertinência cósmica e o súbito despertar de uma consciência expansiva. Porém, o deserto tem seu próprio poder dissolvente, e muitos ficam pelo caminho, diluídos em um “magma” humano que opera como “matéria prima” de novas construções do espírito.

A Antropologia de Síntese trata de de-cifrar o código genético destas novas formas de criação/dissolução. Descobre algumas das leis gerais que presidem o desenvolvimento co-evolutivo desta “embriogênese” planetária e antecipa os valores energ-éticos fundantes (morfogenéticos) do direito, da economia e da organização social do futuro. Não só uma teoria, mas um instrumento, uma ferramenta (*think tank*) para utilizar o potencial logo-energético da mensagem do novo signo do tempo como força ativadora do desenvolvimento co-evolutivo do conhecimento-e-da vida. Novamente o fogo sagrado dos deuses na mão do homem!

Hoje, podemos dizer que o “fogo sagrado” foi incêndio uma vez mais sobre a Terra. Mas, desta vez já não sobre o cume do Sinai nem sobre a rocha do Cáucaso, mas na própria matéria do coração do homem (seu “coração atômico”). O desafio para a nova humanidade não é já acender o fogo, mas mantê-lo aceso!

Até ontem apenas, eu acreditava que era suficiente um ideal para sustentar a vida. Agora compreendo que é necessária a vida para sustentar o ideal.

Qual é o combustível adequado para sustentar esta “reação de fusão”? A “matéria” de nossa própria vida, nossas “posses”, o desejo ancestral de reter a vida em uma forma. Um novo metabolismo, uma fisiologia de “reversibilidade de valores” (por desintegração de matéria, radiação de energia e expansão de consciência). Nova dimensão da mensagem de renúncia, preservada pelas grandes tradições espirituais da humanidade, mas agora como mensagem de renúncia do novo signo do tempo. Já não somente como mística de salvação da alma, mas como ciência da vida; não só como transcendência espiritual, mas como lei de desenvolvimento social: um novo sentido do direito, da economia e do trabalho.

Referências Bibliográficas

1. Muñoz Soler, Ramón Pascual, “*Gérmenes de Futuro en el Hombre*”, Arayú, Buenos Aires, 1967 (“*Germes de Futuro no Homem*”, Editora de Cultura Espiritual, São Paulo, Brasil, 1978).
2. Muñoz Soler, Ramón Pascual, “*Antropología de Síntesis*”, Depalma, Buenos Aires, 1980.